A FLORA NA NOMEAÇÃO DOS LUGARES: SIGNIFICADOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS DOS FITOTOPÔNIMOS DE ARAPIRACA (AL)

FLORA IN THE NAMING OF PLACES: LINGUISTIC-CULTURAL MEANINGS OF PHYTOTOPONYMS IN ARAPIRACA (AL)

Recebido: 19/03/2026 Aprovado: 09/06/2026 Publicado: 08/08/2026
DOI: 10.18817/rlj.v10i2.4498

Taís Caroline Leite dos Santos Aquino[1]
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0000-5525-5906

Pedro Antônio Gomes de Melo[2]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-4873-564X

Resumo: Este estudo objetiva discutir acerca dos nomes de povoados arapiraquenses relacionados à flora local e sua relação com as concepções de toponímia, território e cultura. O artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento, enfatizando como os fitotopônimos dos povoados revelam traços da vegetação local e conectam essas nomenclaturas às concepções de toponímia, território e cultura do município. Quanto aos pressupostos teórico-metodológicos, filia-se, em linhas gerais, ao campo da Toponímia, em especial as contribuições de Dick (1980, 1990, 1992, 2008 e desdobramentos), Haesbaert (2004), Hall (2003), Isquerdo (1996, 1997, 2023), Melo (2013, 2018, 2026), dentre outros e se configura como um estudo de natureza básica, de cunho teórico, com abordagem qualitativa e objetivo descritivo. Assim, ao analisar os seis nomes de povoados que são classificados como fitotopônimos, constatamos como a flora, principalmente frutas e plantas utilizadas para alimentação e fins artesanais, influencia nas práticas culturais e identitárias dessas localidades, tornando-se um ato decisivo na organização denominativa da área rurbana.

Palavras-chave: Toponímia; Território; Cultura; Arapiraca.

Abstract: This study aims to discuss the names of rural settlements in Arapiraca associated with the local flora and their relationship with the concepts of toponymy, territory, and culture. The article presents partial results of an ongoing master's research project, highlighting how the phytotoponyms of these settlements reveal characteristics of local vegetation and connect these names to the concepts of toponymy, territory, and culture in the municipality. Regarding its theoretical and methodological framework, the study is broadly grounded in the field of Toponymy, particularly the contributions of Dick (1980, 1990, 1992, 2008, and subsequent developments), Haesbaert (2004), Hall (2003), Isquerdo

[1] Possui Licenciatura Plena em Letras - Português pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDiC) pela mesma instituição. Durante a graduação, foi bolsista dos programas PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) e PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), atuando em projetos voltados à pesquisa acadêmica e à formação docente em Língua Portuguesa. E-mail: taiscarolsantos@gmail.com

[2] Possui Graduação em Letras: Português e Inglês e suas respectivas literaturas pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió (CESMAC); Graduação em Geografia pelo Centro Universitário Cidade Verde (UniCV); Especialização em Ciência e a Pesquisa Científica no Ensino Superior pelo Centro Universitário Cidade Verde (UniCV); Especialização em Libras e Surdez pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP); Especialização em Língua Portuguesa e Mestrado em Letras, Área de Concentração: Estudos Linguísticos, ambos pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Doutorado em Letras, Área de Concentração: Estudos Linguísticos, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor Titular da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Letras: Português da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Atualmente, desenvolve suas atividades na Graduação da UNEAL - campus III e no Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura - PRODIC/UNEAL - campus I. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em análise e descrição da Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Onomástica/Toponímia. E-mail: pedro.melo@uneal.edu.br

(1996, 1997, 2023), Melo (2013, 2018, 2026), among others. It is a basic, theoretical study with a qualitative approach and descriptive objectives. The analysis of the six settlement names classified as phytotoponyms reveals how flora, particularly fruits and plants used for food and handicrafts, influences the cultural and identity-related practices of these communities, playing a significant role in the naming and organization of the rurban area.

Keywords: Toponymy. Territory. Culture. Arapiraca.

Introdução

A Toponímia[3], enquanto uma disciplina científica da Onomástica que é uma área das Ciências do Léxico, pode nos ajudar a desvelar o cenário aproximado das representações reais e/ou simbólicas de um dado território, uma vez que materializa na língua, em especial em nível do léxico, traços da paisagem natural, aspectos sociais, históricos e culturais do espaço geográfico no qual o topônimo se insere.

O ato de nomear lugares – realizado pelo sujeito-nomeador[4] é uma prática discursiva de apropriação do espaço. Esse processo, motivado por fatores físicos, históricos, políticos ou culturais, mostra-nos a forma como as comunidades percebem e organizam o território. A linguagem, nesse viés, expressa a maneira como cada povo constrói sua visão de mundo, refletindo a íntima relação entre o espaço vivido, o meio ambiente e a cultura que o define. Assim, a Toponímia é um campo interdisciplinar, visto que dialoga com outras ciências que contribuem para compreender a relação entre linguagem, território e cultura.

Sob essa égide, este trabalho se justifica pela temática relevante e atual, articulando memória, história e toponímia no contexto rurbano[5] de Alagoas, na busca de se compreender de forma interdisciplinar as inter-relações entre o território e a toponímia para uma melhor compreensão das possíveis relações entre o lugar habitado, sua cultura e o sujeito-nomeador. Com efeito, viabilizando o

[3] Usa-se a palavra 'Toponímia', com inicial em maiúsculo, para se referir à ideia da ciência que estuda os nomes de lugares (topônimo). Já o uso da palavra 'toponímia', com a inicial minúscula, para se referir à ideia de léxico toponímico (um conjunto de topônimos).

[4] Adotamos o conceito de sujeito-nomeador proposto por Melo (20263698), para o autor essa categoria toponímica dialoga com a noção de sujeito da Análise do Discurso (AD), isto é, o sujeito-nomeador de um povoado alagoano não se refere a um indivíduo (um "eu" individual) com características psicológicas ou biológicas, mas sim à posição que ele (ou um grupo social por ele representado) ocupa em relação à linguagem e ao discurso. Essa posição se constitui por fatores históricos, sociais e ideológicos (Melo, 2025, p. 11).

[5] O conceito de rural-urbano (ou rurbano) é um processo de desenvolvimento socioeconômico que combina, como formas e conteúdo de uma só vivência regional – a do Nordeste, por exemplo – ou nacional – a do Brasil como um todo – valores e estilos de vida rurais e valores e estilos de vida urbanos. Daí o neologismo: rurbano (Freyre, 1982, p. 57).

(re)conhecimento de sua cultura, história e características de determinada região, bem como seus caracteres físico-geográficos preservados nos significados dos topônimos.

Deste modo, este estudo tem como objetivo discutir os nomes de seis povoados arapiraquenses relacionados à flora local e sua relação com as concepções de toponímia, território e cultura. Cumpre destacar que este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento.

Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa e de objetivo descritivo, é de natureza básica e gênero teórico, conforme Paiva (2019), por buscar ampliar o conhecimento científico sobre os nomes de lugares. Foram levantados 24 nomes de povoados rurais-urbanos de Arapiraca, dos quais se analisou um recorte de 6 (seis) fitotopônimos, a partir de fontes bibliográficas e documentais, utilizando o Modelo Taxonômico de Classificação dos Topônimos (MTCT) de Dick (1990).

Nessa perspectiva, este artigo organiza-se em cinco seções principais, além das considerações finais e referências. A primeira apresenta as considerações iniciais, situando a temática. A segunda seção traz um breve histórico do município de Arapiraca e de seus povoados. A terceira discute os fundamentos teóricos que articulam os conceitos de Toponímia, Cultura e Território. A quarta descreve os procedimentos metodológicos e o *corpus* composto por 24 povoados rurais de Arapiraca, dos quais foi selecionado um recorte de seis fitotopônimos representativos da flora local. Por fim, a quinta seção apresenta a análise e discussão dos resultados. Ao final do texto, expõem-se as considerações finais e as referências.

O município de Arapiraca e seus povoados: um breve histórico

Os povoados desempenham papel fundamental na constituição do território arapiraquense e na formação de sua identidade histórica e cultural, expressa também por meio de seus nomes. Nesse sentido, Salazar-Quijada *apud* Melo (2018, p. 43) afirma que a pesquisa toponímica consiste no “estudio integral, en el espacio y en el tiempo, de los aspectos: geo-históricos, socio-económicos y antropo-lingüísticos, que permitieron y permiten que un nombre de lugar se origine e subsista” (Salazar-

Quijada, 1985, p. 18)[6]. Assim, compreender o contexto histórico, físico e sociocultural de Arapiraca é essencial para situar o espaço em que os topônimos se formam e se perpetuam, revelando as formas pelas quais as comunidades nomeiam e significam o território.

Quanto à origem do nome da cidade, Dantas (2023) explica que Arapiraca deriva de uma árvore da família das mimosáceas, comum na região, e apresenta origem indígena, significando “árvore em que o periquito pousa”. Historicamente, Filho e Silva (2024) relatam que, em 1843, o capitão Amaro da Silva Valente adquiriu uma propriedade denominada Cangandu. Em 1848, sua filha Maria Isabel e seu esposo Manoel André passaram a ocupar parte dessas terras, desenvolvendo atividades agrícolas e estabelecendo moradia nas proximidades de uma lagoa formada pelo Riacho Piauí. Nesse local, constituíram o sítio Lagoa de Arapiraca, considerado o núcleo inicial do povoamento que deu origem ao município.

Além da sede urbana, Arapiraca possui 24 povoados que compõem sua zona rural-urbana e contribuem para a configuração territorial, cultural e econômica do município. Segundo o IBGE (1999), o povoado é uma localidade rural com número significativo de edificações e serviços de uso coletivo - como escola, capela, posto de saúde ou comércio -, não sendo sede municipal nem distrital. Classifica-se como aglomerado rural isolado, caracterizado pela concentração de moradias em área não contínua ao perímetro urbano e pela existência de vida comunitária própria.

Compreender o *lócus* da pesquisa, portanto, implica analisar as formas de ocupação, nomeação e significação desses espaços, cuja diversidade toponímica reflete a memória, a identidade e os valores linguístico-culturais da população arapiraquense.

A Toponímia: conceitos e definições

A Toponímia permite compreender as relações entre língua, sociedade e espaço geográfico, uma vez que os nomes dos lugares expressam aspectos culturais e históricos das comunidades. Nesse sentido, Dick (1990, p. 19) considera a

[6] “O estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que permitiram e permitem que um nome de lugar se origine e subsista” (Salazar-Quijada, 1985, p.18, tradução nossa).

Toponímia “um imenso complexo línguo-cultural”, evidenciando seu caráter interdisciplinar. Assim, o ato de nomear constitui uma prática social na qual o sujeito-nomeador estabelece relações com o meio em que vive, atribuindo aos topônimos significados relacionados às experiências e vivências locais

A relação entre topônimo e espaço geográfico permite compreender aspectos históricos, sociais e culturais das comunidades, uma vez que os nomes dos lugares fornecem pistas sobre a história dos sujeitos e sua relação com o território (Isquerdo, 2023). Nessa perspectiva, Melo (2013) destaca que o processo de nomeação resulta da interação entre língua, meio ambiente e sociedade, refletindo a visão de mundo, as experiências e os valores culturais dos sujeitos-nomeadores. Assim, os topônimos constituem importantes registros das relações estabelecidas entre as comunidades e os espaços que habitam.

A partir do processo de nomeação de lugares e, consequentemente, da formação do léxico toponímico, instala-se “a cadeia onomasiológica propriamente dita, em um determinado espaço, o que possibilitará o desenvolvimento de análises nominais e a consequente afixação de um modelo ou padrão de nomes [...]” (Dick, 2008, p. 142). Dessa forma, as pesquisas toponímicas possibilitam conhecer novos saberes em interlocução com a Linguística, a Geografia, a História, a Sociologia, a Psicologia e outras ciências humanas e sociais, visto que os nomes dos aglomerados rurais carregam, em seu léxico, aspectos históricos, culturais, sociais e espaciais relacionados às experiências dos grupos que habitam esses territórios.

A onomástica (ou modernamente denominada Toponomástica) se divide em dois grandes campos de investigação, a saber: a Antroponímia – estudo dos nomes próprios atribuídos a seres humanos (do gr. Antropos, ‘homem’) –, e a Toponímia – entendida, em seu sentido geral, como o estudo dos nomes próprios atribuídos a lugares (do gr. Topos, ‘lugar’). Os topônimos passam a ser compreendidos como verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população (Dick, 1990, p. 22).

Dick (2008) corrobora esse pensamento ao afirmar que a toponímia preserva aspectos culturais de um lugar e atua como uma forma de conservação da memória do núcleo, manifestada nos diferentes estágios denominativos, decorrentes de distintas origens e motivações. Nesse sentido, o acervo toponímico dos povoados arapiraquenses incorpora aspectos significativos relacionados às motivações de seus

nomes, os quais refletem elementos ideológicos, culturais, políticos, sociais e históricos vivenciados e transmitidos pelos habitantes desse espaço geográfico.

Na categorização dos processos de formação, os signos toponímicos se classificam em: elemento específico simples – topônimo formado por um único formante; elemento específico composto – topônimo composto por mais de um elemento formador de uma mesma procedência linguística; elemento específico híbrido – topônimo dotado de elementos de origem linguística diferente (Dick, 1992).

No plano mórfico em sua ordem linear, eles são constituídos por dois termos, quais sejam: i. elemento genérico ou vocábulo toponímico básico, que é relativo à entidade geográfica que vai receber a denominação identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes; ii. elemento específico, que é o topônimo propriamente dito, que individualiza a noção espacial nomeada. Por exemplo, nos signos toponímicos: Cidade de Arapiraca e Povoado Laranjal, há em suas disposições lineares, respectivamente, *cidade* e *povoado* como termos genéricos e *Arapiraca* e *Laranjal,* como termos específicos, ou seja, o topônimo propriamente dito.

Para compreender o objeto de estudo desta pesquisa, é importante destacar que, segundo Dick (1980), as motivações são divididas em duas categorias: de natureza física, topônimos motivados por elementos do meio natural, como relevo, rios, vegetação, fauna ou solo – exemplificam-se os fitotopônimos, taxe foco nesta pesquisa, que fazem referência à flora; e de natureza antropocultural, topônimos que refletem aspectos humanos e culturais, como crenças, atividades econômicas, fatos históricos e homenagens.

Em síntese, esses conceitos fundamentam a compreensão da toponímia alagoana, considerando os lugares para além de sua função de nomeação. Partindo desta premissa, os topônimos constituem importantes registros das dinâmicas sociopolíticas, econômicas e culturais dos grupos locais, configurando-se como fósseis linguísticos de um patrimônio histórico e imaterial construído e ressignificado ao longo do tempo (Melo, 2018). Desse modo, as discussões desenvolvidas nesta subseção forneceram subsídios teóricos para a análise do *corpus* desta pesquisa, contribuindo para a interpretação das origens e das motivações que permeiam os nomes dos povoados de Arapiraca.

A cultura: conceitos e definições

No século XVII, o termo cultura era utilizado para simbolizar aspectos espirituais de uma comunidade. Com o tempo, Edward Tylor reformulou esse conceito, atribuindo ao vocábulo inglês *Culture* o significado de "todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" (Laraia, 2001, p. 25). Assim como sua terminologia, a cultura tem sofrido transformações ao longo da história, visto que diferentes espaços, identidades e indivíduos podem incorporar valores diversos, adequando-se às formas de ser e viver de cada grupo.

Em outra perspectiva, Hall apresenta a concepção de sociedades multiculturais, formadas desde antes da expansão europeia. Com as imigrações e deslocamentos, as pessoas passaram a produzir "sociedades étnicas ou culturalmente mistas" (Hall, 2003, p. 55). Então, o homem passa a ser resultado do meio em que foi socializado, a partir das experiências e conhecimentos adquiridos ao longo das gerações. Com isso, a comunicação também pode ser entendida como um processo cultural, pois não nasce biologicamente, mas é aprendida e desenvolvida socialmente.

Souza e Dargel (2020, p. 90) explicam essa dinâmica, ao assinalar que "o simbólico se constrói pelo que é cultura e, assim, língua e cultura estão interrelacionadas e conjugadas na construção do próprio significado do topônimo". É através da comunicação que os costumes, ideias e aprendizados são compartilhados e preservados ao longo da história. Exemplo disso é o Povoado Taboquinha, cuja denominação decorre das características da flora local. Essa marca da paisagem natural influenciou, de algum modo, o cotidiano e a vivência dos moradores com o espaço, experiência que foi transmitida e preservada por meio da linguagem.

Além disso, vivemos em uma sociedade marcada pelo consumo e por mudanças constantes. A cultura, por meio das tendências, cria desejos e novas formas de pensar. Como afirma Bauman (2011, p. 14), "A função da cultura não é satisfazer necessidades existentes, mas criar outras – ao mesmo tempo que mantém as necessidades já entranhadas ou permanentemente irrealizadas". Isso significa que, mesmo quando algo já foi conquistado ou definido, logo surge uma nova necessidade, fazendo com que a satisfação nunca seja completa. No caso do Povoado Umbuzeiro, anteriormente denominado Capim do Umbuzeiro, as transformações culturais e as novas necessidades sociais contribuíram para que a nomeação fosse modificada ao longo do tempo, passando a ser conhecida apenas como Umbuzeiro.

Nessa linha de raciocínio, é notória a relação entre os conceitos discutidos e os nomes de lugares. Da mesma forma que a cultura é entendida como um conjunto de valores, costumes e significados formados socialmente, a toponímia também expressa esses elementos no espaço. A cultura é dinâmica e se transforma ao longo do tempo; os nomes dos espaços também podem retoponimizar, modificando-se conforme novos valores se tornam mais relevantes. Então, a cultura torna-se fundamental para a toponímia, pois os nomes revelam como as sociedades constroem e reinterpretam seus sentidos ao longo da história.

Como observa Bauman (2005, p. 24), “a identidade é um projeto eternamente inacabado”, o que evidencia o caráter processual e mutável das construções culturais. Sob essa perspectiva, os topônimos podem ser elementos de transformação e permanência. Quando se preserva a memória de uma comunidade, o nome de um lugar insere um sentido de continuidade, mesmo em contextos de transformação. Por isso, a toponímia pode ser vista como uma forma de arquivo cultural (Hall, 2003), ao passo que concentra vestígios da história, das relações de poder e dos valores de uma comunidade. Desse modo, mesmo com o tempo, a memória coletiva tende a preservar as motivações anteriores no uso diário através dos nomes de lugares.

Sob esse prisma, é importante pontuar que a identidade cultural é constituída a partir da lembrança coletiva. Nesse ínterim, à luz da concepção de Halbwachs (1990, p. 132) "não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial". Esse argumento permite compreender que a permanência dos nomes dos aglomerados rurais - especialmente aqueles de natureza fitotonímica, que fazem referência à flora local - está diretamente vinculada às memórias compartilhadas pelos grupos que habitam esses espaços. Sendo assim, ao atribuir elementos da vegetação nos topônimos, esses nomes não apenas identificam o lugar, mas também preservam saberes e experiências relacionados ao meio natural.

Dessa maneira, quando se tenta entender a Toponímia e a cultura em conjunto, percebe-se que os topônimos são expressões culturais, uma vez que a cultura é vista como interpretação desses. Esse pensamento se concretiza quando os autores falam sobre a cultura que "o termo tanto pode designar um panteão de grandes obras 'legítimas' como tomar um sentido mais antropológico, por englobar as maneiras de viver, sentir e pensar próprias de um grupo social" (Cuche, 1996 *apud* Mattelart; Neveu, 2004, p. 11). Diante disso, é pertinente ver os nomes de lugares não como

rótulos, mas como registros vivos da maneira de sentir o lugar e que funcionam como uma ponte que liga o território à memória coletiva e identidade dos indivíduos.

O território: conceitos e definições

O povoado constitui um espaço que reflete as formas de organização e de vida dos grupos sociais. Ele existe porque há relações entre os moradores, o trabalho e o ambiente. Por isso, o território influencia na constituição dos povoados, visto que o modo de vida daqueles que ali residem se desenvolve conforme as características do lugar. Esse aspecto pode ser observado no Povoado Laranjal, cuja denominação decorre dos elementos vegetais presentes na região. Desse modo, o povoado deixa de representar apenas um agrupamento de casas e moradores, passando a constituir um espaço carregado de significados construídos pelas experiências humanas.

A definição de território é vista com diferentes olhares disciplinares, o que mostra sua complexidade e riqueza analítica. O autor Haesbaert (2004) sugere uma leitura mais profunda sobre a conceituação de território, destacando três aspectos essenciais: as dimensões jurídico-política, simbólico-cultural e econômica. Na sua concepção, o território é compreendido como “um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes - mas não exclusivamente - relacionado ao poder político do Estado”. Mas, além dessa concepção tradicional, existem outras formas de compreender o território, cujas dimensões políticas, culturais e simbólicas também influenciam os processos de nomeação dos lugares.

Haesbaert (2004) ainda menciona que o território é como um espaço de significação e vivência, pois esse é notado, principalmente, como o produto da apropriação de um grupo em relação ao seu espaço vivido. Essa perspectiva corrobora com o entendimento dos significados subjetivos designados aos lugares, ao território e às etapas de pertencimento, especialmente em situações em que há a desterritorialização (processo pelo qual indivíduos, grupos sociais, instituições ou práticas perdem sua ligação com um território específico) e reterritorialização (quando os grupos constroem novos vínculos territoriais ou reapropriam outros territórios).

Em outra visão, o território pode ser entendido como uma unidade ativa de crescimento, que reúne seus próprios recursos, os quais não podem ser transferidos para outro lugar. Esses recursos podem ser materiais ou imateriais, assim como os

saberes e práticas originais que, geralmente, estão vinculados à história local (Cazella; Bonnal; Maluf, 2009). Como ocorre no Povoado Bananeiras, a nomeação relaciona-se à própria história e às características que constituem esse território específico, estando diretamente vinculada às vivências e referências locais.

Segundo Halbwachs (1990, p. 30), a memória coletiva é “uma corrente de pensamento contínuo […] que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”. Esse pensamento constante e social apresenta-se no território, que serve como o “quadro fixo” onde os moradores manifestam suas identidades. Desse modo, a identidade forma-se a partir da relação entre memória e território, uma vez que este carrega e preserva aspectos identitários construídos socialmente. Essa compreensão da identidade como uma construção vinculada às experiências coletivas e às transformações sociais permite ampliar a discussão para as diferentes formas pelas quais os sujeitos e os grupos se reconhecem e se representam no espaço.

À luz da concepção de Donada (2019, p. 47, tradução nossa), “estudar a dimensão espacial de um nome de lugar significaria, sob esta ótica, analisar a individualidade deste espaço, a sua ‘diferenciação específica’ em relação ao resto do espaço”[7]. Partindo disso, entendemos que cada porção territorial dos povoados arapiraquenses carrega particularidades históricas e culturais que moldam a sua identidade e, consequentemente, a sua nomeação, refletindo diretamente a singularidade da comunidade que habita.

Com isso, vemos que o território não existe apenas como espaço físico; ele é resultado da ação humana, essa ideia é confirmada na visão de Gottmann (2012, p. 523) quando elucida que, “o território é um conceito gerado por indivíduos organizando o espaço segundo suas necessidades, mas também segundo suas lembranças e aspirações". O nome de um lugar, portanto, torna-se elemento essencial para a gestão e identificação do território, pois cada topônimo carrega em si o acervo simbólico e a cultura dos grupos que o nomearam.

Metodologia

[7] Estudiar la dimensión espacial de un nombre de lugar querría decir, desde esta óptica, analizar la individualidad de este espacio, su “diferenciación específica” respecto al resto del espacio (Tort Donada, 2019, p. 47).

Para compreender a dinâmica territorial do território arapiraquense no que se refere aos nomes de lugares rurais, é fundamental entender o conceito de povoado. Sendo assim, o povoado é tido como:

> Localidade que tem a característica definidora de Aglomerado Rural Isolado e possui pelo menos 1 (um) estabelecimento comercial de bens de consumo frequente e 2 (dois) dos seguintes serviços ou equipamentos: 1 (um) estabelecimento de ensino de 1º grau em funcionamento regular, 1 (um) posto de saúde com atendimento regular e 1 (um) templo religioso de qualquer credo. Corresponde a um aglomerado sem caráter privado ou empresarial ou que não está vinculado a um único proprietário do solo, cujos moradores exercem atividades econômicas quer primárias, terciárias ou, mesmo secundárias, na própria localidade ou fora dela (IBGE, 1999, p. 74).

Esta pesquisa caracteriza-se como de natureza básica e apresenta abordagem qualitativa. De acordo com Paiva (2019), investigações dessa natureza desenvolvem-se no contexto real e buscam compreender, descrever e interpretar os fenômenos, procurando explicá-los a partir de diferentes perspectivas.

Além disso, possui objetivo descritivo e utiliza dados provenientes de fontes secundárias. Para Paiva (2019, p. 12) “a pesquisa secundária utiliza dados de pesquisas já divulgadas”, assim, foram empregados métodos e procedimentos próprios dos estudos da Toponímia ao analisar o *corpus* de seis nomes de povoados do município de Arapiraca, no estado de Alagoas. A listagem oficial dessas localidades foi obtida junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2025). Foram considerados os estudos de Dick (1990) acerca da classificação dos topônimos, com ênfase nos fitotopônimos, entendidos como nomes motivados por elementos da flora. Nesse sentido, a pesquisa selecionou para análise apenas os topônimos dessa natureza.

Para a investigação etimológica e histórico-cultural dos topônimos, foram consultadas diferentes obras de referência, entre elas dicionários etimológicos, como o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de Cunha (2012), o Dicionário de Tupi Antigo, de Navarro (2013), e a obra O tupi na geografia nacional, de Theodoro Sampaio (1943). Também foram consultados dicionários toponímicos, como o Dicionário Toponímico de Alagoas – DITAL, além de diagnósticos comunitários rurais, documentos institucionais da Prefeitura Municipal de Arapiraca, leis municipais denominativas, artigos e livros especializados.

Por fim, esses procedimentos metodológicos possibilitaram a organização do *corpus* da pesquisa, permitindo a posterior discussão dos resultados.

Resultados e discussão

O *corpus* desta pesquisa é composto por um recorte de seis fitotopônimos atribuídos a povoados arapiraquenses, quais sejam: Bananeiras, Cangandu, Cangandu de Baixo, Laranjal, Taboquinha e Umbuzeiro, os quais serão analisados neste estudo.

De acordo com a classificação proposta por Dick (1992), os fitotopônimos são topônimos motivados pela flora, ou seja, por elementos de natureza vegetal. No contexto da zona rural-urbana de Arapiraca, esses nomes evidenciam a relação entre a paisagem natural e o processo de nomeação dos espaços, reforçando o caráter identitário e simbólico da toponímia rurbana local.

Fitotopônimos na nomeação dos povoados de Arapiraca

O uso de referências botânicas no processo nomeativo indica que o sujeito-nomeador se apoia no meio físico para escolher as nomenclaturas, configurando-se como uma prática recorrente. Conforme assinala Dick (1992, p. 35):

> [...] através das camadas onomásticas, revelam-se, numa perspectiva globalizante, as feições características do local, sejam as de ordem física quanto socioculturais. De tal modo esses aspectos se corporificam nos topônimos que se pode mesmo, muitas vezes, estabelecer a correlação entre 'nome' dos acidentes e o 'ambiente' em que ele se acha inscrito.

À luz dessa perspectiva, compreende-se que os fitotopônimos registram traços do ambiente e funcionam como marcas linguísticas da realidade geográfica e social. Levando em conta os nomes de lugares motivados pela flora, essa relação torna-se ainda mais evidente quando a vegetação representa o sustento e campo de atuação da população. Isquerdo (1997) apresenta, em sua pesquisa, a presença do elemento floresta como exemplo de uma das principais fontes de subsistência e trabalho para o homem da mata, evidenciando o papel central da natureza na organização social.

A seguir, serão apresentadas, analisadas e discutidas as nomeações de seis povoados rurbanos do município de Arapiraca, classificados como fitotopônimos. A

análise dos dados considera a classificação dos topônimos, bem como sua estrutura morfológica e etimológica, conforme os pressupostos teóricos adotados. Além disso, serão contemplados os aspectos históricos relacionados à origem dos nomes.

Povoado Bananeiras

O povoado está localizado na zona rural-urbana do município de Arapiraca. O fitotopônimo Bananeiras se caracteriza como elemento específico simples, constituído pelo ML *banan-* + MGD *-eira* + MGF *-s*. *sf*. de origem africana (termo da Guiné), mas de étimo indeterminado ‘fruto da bananeira, planta da fam. das musáceas’ ‘banana (em sua segunda acepção)’ 1813 (Cunha, 2012).

O povoado Bananeiras foi fundado em 1920, por João Francisco Aureliano e seu cunhado José Francisco da Silva. O nome da localidade surgiu em razão da grande quantidade de bananeiras existentes próximas a uma nascente, onde moradoras costumavam se reunir para lavar roupas e dizer: “vamos lavar roupa nas Bananeiras”. Essa nascente continua abastecendo a comunidade até os dias atuais, e o cultivo de bananas foi, por muito tempo, uma importante atividade econômica, com produção destinada às feiras da região (Secretaria Municipal de Educação, 2024).

Povoado Cangandu

O povoado está localizado na zona rural-urbana do município de Arapiraca. O fitotopônimo Cangandu se caracteriza como elemento específico simples, constituído por ML *cangandu* ╤. A palavra Cangandu deriva do termo guandu (também muito conhecido como *andu* ou *feijão-guandu*) procede de *guandu*, originária da língua quiconga (idioma banto falado na África Central).

O povoado teve sua origem atribuída a Dona Guilhermina, considerada pela tradição local como a fundadora da comunidade. Seu falecimento ocorreu em 2001, aos 115 anos de idade. A comunidade formou-se em torno da Lagoa do Cangandu, que desempenhava papel fundamental na vida dos moradores, servindo como referência cultural e fonte de subsistência. Acerca da motivação do topônimo, está relacionada à planta guandu, em razão da presença de povos indígenas que habitaram a região e nomearam a entidade geográfica com esse nome, fato corroborado por achados arqueológicos, como urnas funerárias de cerâmica. Além

disso, a existência da Lagoa do Cangandu, elemento central na organização e no cotidiano dessa comunidade, contribuiu para a consolidação e permanência dessa denominação.

Povoado Cangandu de Baixo

O povoado está localizado na zona rural-urbana do município de Arapiraca. O fitotopônimo Cangandu de Baixo se caracteriza como elemento específico híbrido, constituído por ML *cangandu* ╤, f. dep. *de,* ML *baix-* + VT *-o*. *adj*. do lat. b*assus* 'pouco elevado' 'a parte inferior' (Cunha, 2012). A palavra cangandu procede de *guandu*, originária da língua africana quiconga e está relacionada ao guandu, planta leguminosa.

Diz a tradição local que o surgimento do Povoado Cangandu de Baixo está diretamente relacionado à formação histórica do Povoado Cangandu. Inicialmente, a localidade constituía um único núcleo de ocupação. Com a expansão das moradias para o outro lado da lagoa Cangandu situada entre as duas áreas, consolidou-se uma divisão espacial. Assim, a porção localizada na parte superior passou a ser denominada Cangandu, enquanto a situada na parte inferior recebeu o nome de Cangandu de Baixo, em referência à sua posição geográfica em relação ao núcleo original. Essa nova nomeação, entretanto, não suprimiu a motivação toponímica inicial, relacionada à planta guandu, mas apenas acrescentou um elemento locativo que passou a distinguir as duas localidades.

Povoado Laranjal

O povoado está localizado na zona rural-urbana do município de Arapiraca. O fitotopônimo Laranjal se caracteriza como elemento específico simples, constituído por ML *laranj-* + MGD *-al*. sf. do ár. *Nāranǧa,* deriv. do persa *nāranǧ* ‘fruto da laranjeira, planta da fam. das rutáceas’ (Cunha, 2012).

O povoado Laranjal existe desde o ano de 1890 e Antônio Raimundo de Lima e Artur Correia são reconhecidos como os primeiros habitantes do lugar, sendo Antônio Raimundo de Lima apontado como o fundador da comunidade. O nome teve origem devido à existência de uma fazenda com grande área plantada de laranjeiras (Diagnóstico comunitário rural, 2001).

Povoado Taboquinha

O povoado está localizado na zona rural-urbana do município de Arapiraca. O fitotopônimo Taboquinha se caracteriza como elemento específico simples, constituído por ML *taboqu-* + MGD *-inha*. sf. do tup. *ta'voka* 'taquara' (Cunha, 2012).

A localidade foi fundada em 1890 por Paulo e Rosa. O nome do povoado está relacionado à presença de grande quantidade de tabocas pequenas, conhecidas popularmente como taboquinha, planta utilizada na confecção de varas de anzol, varas para varais de fumo, entre outros usos (Diagnóstico comunitário rural, 2001).

Povoado Umbuzeiro

O povoado está localizado na zona rural-urbana do município de Arapiraca. O fitotopônimo Umbuzeiro se caracteriza como elemento específico simples, constituído por ML *umbuz-* + MGD *-eiro*. sm. do tup. *îuá-umbu* 'nome de uma planta anacardiácea (*Spondias tuberosa Arruda*), conhecida como umbuzeiro (Navarro, 2013).

O povoado Umbuzeiro surgiu em 1930, tendo como fundador Bernardino José da Silva. Inicialmente, o nome da localidade era Capim do Umbuzeiro pela proximidade com o Sítio Capim e pela existência de um frondoso pé de umbu na região, passando posteriormente a ser conhecido apenas como Umbuzeiro, denominação que permanece até os dias atuais (Diagnóstico comunitário rural, 2001).

Nesse contexto, ao analisar os seis nomes desses povoados de Arapiraca, percebemos como o referencial fitoponímico, principalmente frutas e plantas utilizadas para alimentação e fins artesanais, apresentou-se como fator motivador para nomeação toponímica desses lugares, influenciando nas práticas culturais e identitárias dessas localidades. A presença de designações como Bananeiras, Cangandu, Cangandu de Baixo, Laranjal, Taboquinha e Umbuzeiro evidencia que a vegetação exerceu papel decisivo na organização toponomástica desses espaços rurais. Essa permanência reflete a memória coletiva mencionada por Halbwachs (1990, p. 30) como uma "corrente de pensamento contínuo" sustentada no território, no qual os nomes de lugares funcionam como "quadros fixos" da identidade comunitária.

Cumpre ressaltarmos que os seis fitotopônimos analisados não surgiram aleatoriamente, mas estão relacionados a recursos vegetais que foram marcantes para o desenvolvimento dessas comunidades. Nos nomes dos povoados Bananeiras, Cangandu, Cangandu de Baixo e Laranjal, observamos o vínculo com produção agrícola; em Taboquinha, a planta está relacionada ao artesanato e outras atividades rurais; já em Umbuzeiro, a árvore é vista como elemento de localização para os moradores. Em todos os casos, a motivação do nome está ligada à abundância desses componentes da flora no lugar, tornando-os elementos primordiais para os moradores. Sendo assim, eles são preservados na língua por meio da toponímia local. Essa dinâmica reforça o entendimento de Souza e Dargel (2020, p. 90) de que "língua e cultura estão inter-relacionadas e conjugadas na construção do próprio significado do topônimo", demonstrando como as experiências com a paisagem natural são transmitidas e preservadas ao longo do tempo pela linguagem.

Observamos, ainda, que essa tendência de nomeação com base nas plantas da região não existe apenas no município arapiraquense, mas em todo o Brasil. De acordo com o IBGE (2022), ao verificar a lista nacional com os nomes de lugares brasileiros, constatamos a grande recorrência dos nomes de elementos geográficos humanos influenciados pelos elementos naturais, principalmente espécies vegetais, o que torna evidente que a flora é uma das matrizes motivadoras da toponímia no Brasil.

Isso nos mostra que a vegetação se trata de um padrão mais extenso da construção territorial brasileira. Essa recorrência nacional se justifica porque o território é um quadro espacial de apropriação e valoração simbólica da comunidade (Haesbaert, 2004); assim, ao escolherem a flora para batizar o lugar, os moradores desses povoados estabelecem a "diferenciação específica" apontada por Donada (2019, p. 47), transformando um padrão geral do lugar em uma marca de identidade específica para a sua própria localidade.

Dessa forma, os fitotopônimos atuam como marcas linguísticas da paisagem e das práticas econômicas que estruturaram os povoados rurais, onde a nomeação frequentemente decorre de elementos visíveis ou relevantes à sobrevivência, como a vegetação. Evidenciamos, assim, nessas entidades geográficas, uma relação estreita entre as comunidades, o sujeito-nomeador e o ambiente natural, expressa nas práticas agrícolas e nos nomes desses lugares. Para Isquerdo (1996), as plantas constituem o campo de trabalho e a principal fonte de sobrevivência do homem, de

modo que os fitotopônimos refletem o vínculo entre ser humano e natureza, registrando essa interação cultural e ambiental.

Em suma, podemos afirmar que os nomes de origem vegetal na zona rural-urbana de Arapiraca evidenciam a relação entre território, toponímia e cultura, refletindo as experiências dos indivíduos em seu meio de vivência. A recorrência ao referencial fitotoponímico e aos elementos vegetais na nomeação dos povoados arapiraquenses reforça o papel da paisagem natural na construção da identidade desses lugares. Por essa razão, a toponímia atua como um "arquivo cultural" (Hall, 2003) que preserva os vestígios históricos da comunidade. Essa prática expressa a própria cultura como o conjunto de hábitos, saberes e costumes adquiridos pelo homem em sociedade (Laraia, 2001), demonstrando que o ato de nomear a localidade é um ato cultural vivo.

Considerações finais

A nomeação de lugares com base na vegetação é uma prática recorrente no Brasil, expressando simbolicamente a relação entre o ser humano e a natureza na construção dos territórios. Em Arapiraca, Alagoas, os nomes dos povoados integram a memória e a identidade de suas comunidades. Neste estudo, discutiram-se os nomes de povoados arapiraquenses relacionados à flora local, evidenciando como os elementos vegetais refletem aspectos culturais, geográficos e simbólicos do sujeito-nomeador.

A análise dos seis fitotopônimos demonstrou a importância da vegetação para a subsistência, especialmente em atividades alimentares e artesanais. Observou-se, ainda, a relação entre as denominações, as práticas agrícolas e as atividades econômicas locais, bem como o papel dos nomes na constituição histórica, geográfica e cultural do território rurbano arapiraquense.

Como próximos passos da pesquisa, pretende-se ampliar a análise das motivações toponímicas dos 24 povoados de Arapiraca, aprofundando as relações entre Toponímia, Território e Cultura. Busca-se, ainda, sistematizar as informações coletadas e elaborar verbetes toponímicos que registrem as motivações dos nomes, valorizando a memória coletiva, os saberes locais e o patrimônio cultural do município.

Referências

BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CAZELLA, A. A.; BONNAL, P.; MALUF, R. S. (orgs.). **Agricultura familiar:** multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

DANTAS, C. L. **Origem dos nomes dos municípios alagoanos.** Maceió: SECOM/AL, 2023.

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica:** princípios teóricos e modelos taxonômicos. 1980. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil.** Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

DICK, M. V. e P. do A. **A toponímia como meio de investigação linguística e antropocultural.** Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil - Portugal. Campo Grande: Editora UFMS, 2008.

DONADA, J. T. Sobre el papel de la toponimia en la interpretación del paisaje. Un apunte teórico**. Erebea:** Revista de Humanidades y Ciencias Sociales, n. 9, p. 111-132, 2019.

ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DEP. JOSÉ PEREIRA LÚCIO. **Projeto Político Pedagógico.** Arapiraca: Secretaria Municipal de Educação, 2024.

FACOMAR – Federação das Associações Comunitárias de Moradores do Município de Arapiraca; PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. **Diagnóstico comunitário rural:** Arapiraca pensada com seu povo. Arapiraca: Prefeitura Municipal de Arapiraca, 2001.

FILHO, G. B.; SILVA, J. S. da. **Esperidião Rodrigues:** O Baluarte da Emancipação. Arapiraca: Performance, 2024.

FREYRE, G. **Rurbanização**: que é? Recife: Massangana, 1982.

GOTTMANN, J. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 2, n. 3, p. 523-545, 2012. Tradução de Isabela Fajardo e

Luciano Duarte. Revisão de Fabrício Gallo. Título original: The Evolution of the Concept of Territory (1975).

HALL, S. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice / Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização:** do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Noções básicas de cartografia.** Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Base cartográfica contínua do Brasil, escala 1:250.000 – BC250:** versão 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/bases_cartograficas_continuas/bc250/versao2017/. Acesso em: 9 maio 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Malha de setores censitários e divisões intramunicipais: 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/26565-malhas-de-setores-censitarios-divisoes-intramunicipais.html. Acesso em: 10 maio 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Malha municipal digital 2022.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html?edicao=36516. Acesso em: 9 maio 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Mapa municipal de Arapiraca – AL.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Edição 2022. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_municipais/colecao_de_mapas_municipais/2022/AL/arapiraca/A0_2700300_MM.pdf. Acesso em: 10 maio 2026.

ISQUERDO, A. N. **A denominação dos lugares no universo geográfico e social dos seringueiros do Acre:** um estudo de toponímia. 1996. 282 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 1996.

ISQUERDO, A. N. A toponímia como signo de representação de uma realidade. **Fronteiras – Revista de História da UFMS**, Campo Grande, MS, v. 1, n. 2, p. 27-46, jul./dez. 1997.

ISQUERDO, A. N. **Toponímia urbana no Brasil:** estudos. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2023.

LARAIA, R. de B. **Cultura:** um conceito antropológico. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MATTELART, A.; NEVEU, É. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MELO, P. A. G. de. Um recorte do léxico toponímico indígena municipal alagoano: motivações toponímicas. **Revista Interface**. Guarapuava, vol. 4 n. 2, dez. 2013.

MELO, P. A. G. de. **Dicionário toponímico de Alagoas (DITAL):** municípios e seus aspectos linguísticos e extralinguísticos. 2018. 361 f. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

MELO, P. A. G. de. **Dicionário Toponímico de Alagoas:** Municípios e seus nomes. São Paulo: Pontes, 2026.

NAVARRO, E. de A. **Dicionário de Tupi Antigo.** São Paulo: Global, 2013.

PAIVA, V. L. M. de O. e. **Manual de Pesquisa em estudos linguísticos.** São Paulo: Parábola, 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. **Primeiro semestre de 2026 marca revolução na infraestrutura educacional de Arapiraca**. Arapiraca, 2026. Disponível em: https://web.arapiraca.al.gov.br/2026/05/primeiro-semestre-de-2026-marca-revolucao-na-infraestrutura-educacional-de-arapiraca. Acesso em: 10 maio 2026.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. **Prefeito Luciano Barbosa inaugura escola no povoado Capim para mais de 750 alunos**. Arapiraca, 2026. Disponível em: https://web.arapiraca.al.gov.br/2026/01/prefeito-luciano-barbosa-inaugura-escola-no-povoado-capim-para-mais-de-750-alunos/. Acesso em: 10 maio 2026.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional.** 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

SALAZAR-QUIJADA, A. **La toponímia em Venezuela.** Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.

SOUZA, A. de; DARGEL, A. P. T. P. Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. **Revista Gtlex.** 2020. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/837958586/guifromm-Alexandre-Melo-de-Sousa-Ana-Paula-TribessePatricio Dargel-1. Acesso em: 12 set. 2026.